

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
8 e 12 de Julho de 2021
CINEMA ITALIANO, LADO B

IL MAGNIFICO CORNUTO / 1964 A Eterna Dúvida

Um filme de Antonio Pietrangeli

Argumento: Diego Fabbri, Ruggero Maccari, Ettore Scola e Stefano Struchhi, a partir da peça *Le Cocu Magnifique* (1921), de Fernand Crommelynck / *Imagem* (35 mm, preto & branco): Armando Nannuzzi / *Cenários:* Maurizio Chiari / *Figurinos:* Maurizio Chiari e Nina Ricci / *Música:* Armando Trovajoli; as canções “Ti Ringrazio Perchè” por Michele e “La Notte che son partito” e “O Te o Nessuna”, por Jimmy Fontana / *Montagem:* Eraldo da Roma / *Som* (mono): Elio Pacella (gravação), Mario Amari (misturas) / *Interpretação:* Ugo Tognazzi (*Andrea Artusi*), Claudia Cardinale (*Maria Grazia*), Bernard Blier (*Roberto Mariotti*), Michèle Girardon, dobrada por Benita Martini (*Christiana*), Paul Guers (*Gabrielle*), Philippe Nicaud (*o médico*), Gian Maria Volontè (*o conselheiro*), Susi Anderson (*Wanda*), José Luis Villalonga, dobrado por Giorgio Piazza (*o presidente do clube*) e outros.

Produção: Enrico Chriscicki e Alfonso Sansone, para Sancro Films (Roma) e Les Films Copernic (Paris) / *Cópia:* da Cineteca Nazionale (Roma), 35 mm, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia mundial:* Milão, 28 de Outubro de 1964 / *Estreia em Portugal:* 20 de Maio de 1965 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: devido à tardia chegada da cópia, não foi possível preparar a respectiva “folha”. Em substituição, propomos um artigo de José Maria de la Torre, publicado no número 276 (Fevereiro de 1999), de *Dirigido Por*.

Il Magnifico Cornuto deve sem dúvida a sua origem e o seu nascimento à praga de filmes sobre as relações conjugais que surgiram na esteira do êxito internacional de **Divorzio alla Italiana** de Pietro Germi e realizados, como este, de modo ao mesmo tempo crítico e grotesco. O argumento do filme tem não poucos ecos do *Decameron* e também alguns de Cervantes. (...)

Como costuma acontecer no domínio da narrativa picaresca, Andrea encontra o seu castigo no seu próprio comportamento: a partir do momento em que se deixa invadir pela suspeita e, por conseguinte, pelos ciúmes, o chapeleiro se transforma num boneco atormentado que põe em perigo a sua vida amorosa e acaba por abrir-lhe as portas para uma relação extra-conjugal. O eco de Cervantes é facilmente detectado quando uma das táticas que ele utiliza para certificar-se da virtude de Maria Grazia consiste em pedir a um amigo de ambos que a corteje.

Visto apenas por este ângulo, **Il Magnifico Cornuto** não passaria de mais um título da longa lista de filmes realizados nos anos 60 sobre o tema das dificuldades das relações conjugais, febre a que não escapou o cinema americano, com filmes lamentáveis como **A Guide for the Married Man**, de Gene Kelly (1967). Mas, como não podia deixar de ser o caso tratando-se de um filme em cujo argumento trabalharam, entre outros, Ruggero Maccari e Ettore Scola, o resultado, no fundo, é tanto uma visão das fantasias sexuais do italiano médio como uma ácida crítica social da burguesia do *milagre económico* (de modo semelhante aos autores de folhetins do século XIX em relação à sociedade do seu tempo), neste caso no contexto das pequenas cidades, domínio em que Antonio Pietrangeli se movia com muito mais do que uma simples habilidade (por exemplo, no notável **La Parmigiana**). De facto, o filme está cheio de venenosos toques

sobre a obsessão sexual e as coscuvilhices pequeno-burguesas, que não apenas não desapareceram com o desenvolvimentismo como aumentaram com ele, se possível fosse. O retrato de costumes levado a cabo em **Il Magnifico Cornuto** atinge por igual a falta de interesses e de objetivos da classe social que retrata. Veja-se, por exemplo, a impagável sequência do jantar, em que Andrea, que é chapeleiro, disserta sobre os chapéus, sem que nenhum dos comensais, que são seus amigos e conhecidos, lhe dê a menor atenção, já que estão ocupados em cochichar ou acariciar-se com os pés por debaixo da mesa; ou aquela em que o milionário José Luis de Villalonga mostra com alarde e orgulho os móveis da sua casa, antigos e provavelmente caríssimos, enquanto a sua loura esposa empenha-se em seduzir Andrea. Todos, sem distinção de gênero, têm as suas obsessões sexuais. Na realidade, o que o filme narra é a o processo de integração do chapeleiro Andrea numa confraria (a dos maridos enganados) cujo único lema consiste em preferir saber o que acontece a viver na dúvida: um jogo do baixo ventre de que participam com a mesma alegria homens e mulheres. Todos os membros da chamada classe alta vivem esta situação e assumem-na e basta que Andrea a ela se integre para transformar-se num cidadão de primeira (a exceção é o empregado encarnado pelo grande Salvo Randone: um homem modesto que vive em apuros e preocupa-se realmente com o que acontece na sua casa). A última cena não deixa espaço para dúvidas: enquanto Maria Grazia se integra (também ela vive um processo de integração) no grupo de mulheres adúlteras, ao ritmo de uma repelente canção, então na moda, de Jimmy Fontana, o chapeleiro Tognazzi reúne-se numa mesa com o milionário Villalonga e o peleiro Bernard Blier. Os três homens sorriem. Andrea mais do que os outros.